



Seminário sobre Intercâmbio 2012/2013

Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais - Departamento de História

Université Paris-Est Marne-la-Vallée

Aluna: Natália Pucci Vestri

Orientador: José Geraldo Vinci de Moraes

Disciplinas oferecidas: História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, História da Arte, História da Arte Moderna, História da Arte Contemporânea, História da Arquitetura, Geografia e Mundialização, Iconografia, Etnologia, Sociologia, Arqueologia, Cinema e Análise Fotográfica.

Disciplinas cursadas: Mundialização, Etnologia, Língua e História Espanhola, Cinema.

Formas de avaliação: relatórios de textos e aulas, seminários, fichamentos e provas ao fim do semestre.

Perfil da universidade: pública; nasceu em 2001 como execução de um plano do congresso que redefiniu fronteiras disciplinares nas universidades. Forte característica interdisciplinar.

Áreas de pesquisa: História da literatura e da arte francesas e espanholas; Identidade, fluxos, mudanças e conflitos na história dos mundos inglês, germânico e romano; análise comparativa do poder,

Em agosto de 2012, embarquei para a França, onde ficaria por seis meses para um intercâmbio de equivalência de crédito pela História - FFLCH. Não havia nenhuma pesquisa de iniciação científica que eu deveria concluir lá e, por tanto, busquei me empenhar nas minhas tarefas acadêmicas, bem como vivenciar as experiências oferecidas pelo Campus.

O início do semestre foi conturbado: havia muitas diferenças entre a organização de grade da FFLCH e a da Université Paris-Est Marne-la-Vallée, mas mais do que isso, o que me chocou foi a quantidade e complexidade da burocracia francesa. Por ser a única estrangeira do meu curso, os desafios se multiplicavam. Depois de falar com a coordenadora do curso de História e de ter uma ajuda sem privações do Escritório de Auxílio ao Intercambista, consegui me inscrever no curso na data correta, sem nenhum tipo de ônus. Na França, os cursos de graduação tem 3 anos de duração e, já que na FFLCH eu estava na metade do curso, foi considerado apropriado que eu me inscrevesse no segundo ano do curso francês.

Ao receber a minha grade, no entanto, descobri que já havia cursado no Brasil grande parte das disciplinas sugeridas, não só do segundo, mas, também, do terceiro ano do curso. Ao discutir isso com a coordenadora, estabelecemos que eu teria mais liberdade para selecionar as disciplinas que me fossem mais interessantes. Assim, aproveitei o caráter interdisciplinar da própria universidade para cursar matérias da História que conversassem com outros departamentos. Escolhi, então, quatro disciplinas: Etnologia, interdisciplinar com o departamento de Antropologia; Cinema, interdisciplinar com o departamento de Audiovisual; Mundialização, interdisciplinar com o departamento de Geografia; e Língua e História Espanhola, interdisciplinar com o departamento de Letras. Hoje, percebo que o curso que montei lá enriqueceu muito a minha formação como historiadora: entender a implicação da História em âmbitos que vão além da própria disciplina me parece o grande ganho.

No entanto, independente da escolha dos cursos, o ponto de destaque na minha experiência está na troca de pontos de vista: poder estudar na França o processo de globalização, do fluxo de migração, o cinema militante do operariado da década de 1970, as análises de pintura facial dos índios da Amazônia ou os revezes pelos quais passou a Espanha na constituição de uma República e, ainda, acrescentando as discussões sobre esses e outros temas não pautados nas disciplinas com amigos e colegas de diferentes nacionalidades, tornou possível desenvolver uma reflexão muito maior, que eu jamais conseguiria ter estudando somente no Brasil. Perceber não só na teoria como, principalmente, na prática que os debates são pautados por pontos de vista que foram construídos de formas diversas, que tiveram início em momentos distintos, que sofreram reflexos diretos ou indiretos das ações observadas ou vividas e que passaram por processos múltiplos até alcançarem as conclusões de hoje, se me é permitido certo lirismo, isso foi, efetivamente, a parte mágica da minha experiência de intercâmbio.

Assim, posso dizer, um ano e meio depois da minha volta, que sou hoje uma pesquisadora acadêmica melhor, uma estudante com mais expertises e uma historiadora com maior poder reflexivo. Mais do que isso, sou um ser humano melhor, preocupada com olhar além do óbvio, em me colocar no lugar do outro, em vivenciar antes do julgar e que, certamente, busca a cada segundo, celebrar a pluralidade dos seres, das situações e das experiências. Independente de qualquer burocracia acadêmica, posso dizer: eu fiz um intercâmbio cultural.